



Carmem

Costa

Texto de
**CASTELLO
BRANCO**
Fotos de
José Medeiros

A vida artística de Carmem Costa é uma das mais fortes afirmações da força e inteligência dos negros em nossa terra. E se estivermos o conceito além, podemos dizer que não só dos negros, mas também de todas as pessoas que procuraram se alicerçar do rádio ou do teatro nacional e para ele e dele viverem. Isto é prova patente de que a matéria humana que ainda por aí é muito boa para ser utilizada em bons trabalhos, não sabendo no entretanto os aproveitadores como empregá-la.

Nasceu em Terjano de Morais — um lugar que mal existe num pontinho negro do mapa do Estado do Rio — foi criada em Visconde de Imbiê. Muito febre de bamba carregou na cabeça antes de vir residir aqui na Capital, onde, quando chegou, montou, ainda, passou por vários empregos com ordenados de 60 a 80 cruzeiros mensais. Ama sêca, arrumadeira, lavadeira, cozinheira e costureira, foram alguns experimentados por Carmem, antes de chegar a ser cantora.

Com seu sorriso alegre e cheio de vida, deixando ver uma perfeita fileira de dentes alvos, confessa-nos ela que o Chico Alves comou muita comida feita pelas suas mãos, certamente não lhe passando pela cabeça possuir nada, mas sim, uma destacada colega de profissão.

De emprego em emprego, de casa em casa, suportando muita dor de dentes e respondendo, positivamente, outro tanto, nunca deixou de cantar. Cantava sempre, no corralão ou no banheiro, onde estivesse. Não havia jornal de modinhas que ela não comprasse. Até que um dia, era então empregada perto da famosa Elite. He veio a lambança de se oferecer ao chefe da orquestra, como *crooner*. Não desseva pagamento, só queria dar ênfase à sua vontade de cantar para um público e (quem sabe?) adquirir uma certa prática que mais tarde lhe seria útil.

Aguardou. O *diarone* da preta seduziu os espectadores e entre eles, fixo estava o Henrique, que já por esta época tinha gravado *Para quê tanto ciúme*, convidando-a para ensaiarem juntos. Aceitou. No entretanto, estes tiveram que ser interrompidos. Ele embarcou para Belo Horizonte com outra pequena. Mas, com esta, por questões particulares dissolveu a dupla e então Carmem foi chamada e passou a cantar com êle num Cabaret. Chamava-se por esta época Carmem Maurici, substituindo então o segundo nome pelo de Costa.

Novamente, agudou. Rulheim de Assis, cantora, trabalhante para a Feira de Amostras na capital mineira, viu-a e convidou-a para cantar na Feira, ganhando 25 cruzeiros, por noite. Depois, Carmem foi até Junt de Eça, para uma temporada, vindo até o Rio com a mesma Feira de Amostras, que deve ser no caso, um desses nossos fidejossos Parques de Diversões.

Aparece então no lado de Grande Otelo e Henrique, num trio — Maria Clara, Moleque Tiso e Pae João — conseguindo algum sucesso.

D'vi foi sempre mantendo. São Paulo, com o coto do Chico Alves. Era um conjunto. Alen do Chico, tinha Aracy de Almeida e Ze Filiz. Carmem tanto fez até que o Chico passou a apresentar mais uma atração — Henrique e Carmem Costa. Em São Paulo no Largo do Arcada; em Santos, no Coliseu.

Voltaram ao Rio gravando *Uma vida o destino?* Rumaram para Curitiba, sendo lá chamadas para um contrato no Rádio Tupi. Outra vez, São Paulo, no Tabá, onde nasceu o samba *Carmelito* em 1940, sendo entretanto sempre gravado, em setembro de 42. Foram raros, após a temporada na Pauliceia e a "Festa de Nacionalidade", em Recife.

Nada realmente de grande estilo fez Carmem por todo este tempo! Mas, o seu dia estava chegando. Foi no Carnaval de 1942 o estouro — *Elei elegante a hora*. Aceitamos ter sido esse samba, o maior sucesso "de última hora" num Carnaval brasileiro. Os lótlões que há dias vinham ensaiando outras músicas, deixaram-se contentar pela magia desta, tão bem lançada por Carmem, e nada mais foi ouvido. Não houve "surto" que não o cantasse no seu repertório. Não houve Rádio que não o transmitisse. Não houve cantor que não o imitasse.

No entretanto, que luta custou a sua gravogol Henrique e Carmem que o haviam lançado em Recife, em teatrinho, chegaram ao Distrito Federal em cima da hora. Cantor algum queria lançar, uns com medo do fracasso, outros por já terem seu repertório pronto. Também as casas gravadoras não queriam arriscar e resolveram. Henrique e Carmem, pagar a gravogol inicial, que custou 600 cruzeiros. Depois, a Victor comprou os direitos e *Elei elegante a hora*, apesar do seu pouco mérito como samba, veio animar desastrosamente os carnavalescos de 42. Até mesmo quem não era carnavalesco deve ter se deixado dominar pela sua melodia.

Estava a cantora popularizada. Vieram outras sucessos gravogols — *Carmello* e *Lina casinha na Maranhão*. Até chegou *Chamgo*, de Luis Gonzaga, que vendeu nos seis ou oito meses de gravado, nada menos, nada mais, do que 7.000 discos.

O Cassino Copacabana apresentou-a em 42, como *crooner*, mas esta ou outras casas de diversões, deviam lançá-la com maior destaque. Aparece tam tanto veloz quanto muita Evelyn Knightly, Adélia Garcia, Chieilo Flores, Carlos Ramirez, que só por terem aparecido como fundo musical de alguma película norte-americana andam sendo listados e tirados por aí.

Passou muita força de sedução esta nossa cantora e com muito boa apresentação certamente constituiu um grande êxito, não estando, como está, a se perder pelo interior a favor, em espetáculos secundários.